



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Lapa de Cortiços: Lembranças do Hotel Bragança

Ana Paula Massadar Morel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ
anamoreloemail@gmail.com

Pedro Guilherme Mascarenhas Freire

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense
pguilherme84@gmail.com

Resumo

O presente trabalho busca pensar o conceito de cidade - seu *modo próprio de ser e estar, acontecer* - a partir das habitações coletivas espargidas na área central do Rio de Janeiro, realizando uma etnografia das *narrativas e modos de habitar* em um *cortiço* que se localizava no bairro da Lapa, região que vem sendo “alvo” de um amplo projeto de *revitalização e renovação* urbana. Os moradores desta habitação, que remonta ao início do século XIX, foram retirados do lugar no mês de Janeiro de 2010 e incluídos no programa de Aluguel Social da Prefeitura. Esses eram de origens mais diversas e muitos habitavam o local há mais de 40 anos, estando imbuídos de lembranças e histórias ali vividas, caracterizando formas próprias de habitar essa área da cidade que vem sendo radicalmente transformada.

Com a escolha da cidade do Rio de Janeiro para sediar as olimpíadas de 2016, o projeto de “revitalização da área central do Rio” ganhou força e dezenas de habitações coletivas ali situadas – ocupações sem-teto, casas de cômodo, cortiços, estalagens - já foram ou estão sendo retiradas da região, sendo rosto e noite de uma nova diáspora urbana que adentra a cidade. Vozes e água, olhos mudos, cortados, desta cidade de destertos e exílios.

1. Destinos em exílio: Outras diásporas...



O caminho é longo;
apressa-te:
A extrema parte do universo
será habitada por mim
terra afastada
da minha terra
Ovidio

Foto: Pedro Freire (2010)¹

¹ Foto do “Hotel Bragança”, despejado no mês de Janeiro de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No século XVII, um acontecimento terrível e grandioso que mobilizou mares e reis, navios e deuses, chamou a atenção de um orador barroco, nascido no Brasil, conhecido pelo nome Antônio Vieira. Destinos desaguando cativos, prisioneiros, no mercado da carne humana, “mercancia diabólica” (p. 57), entravam em seus sermões, com palavras de susto e medo, como versos soprados de dentro da dor:

Uma das grandes coisas que se vêem hoje no Mundo, e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração imensa de gentes e nações etíopes, que da África continuamente estão passando a esta América. A armada de Enéias, disse o príncipe dos poetas, que levava Tróia a Itália: *Ilium in Italiam portans*; e das naus que dos portos do mar Atlântico estão sucessivamente entrando nestes nossos, com maior razão podemos dizer, que trazem a Etiópia ao Brasil. Entra por esta barra um cardume monstruoso de baleias, salvando com tiros e fumos de água as nossas fortalezas, e cada uma pare um baleato; entra uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os israelitas atravessaram o mar vermelho, e passaram da África à Ásia, fugindo do cativo; estes atravessam o mar Oceano na sua maior largura, e passam da mesma África à América para viver e morrer cativos (...). Oh trato desumano, em que a mercancia são homens! (p. 57)

Se em Vieira, a beleza deste sermão – Sermão Vigésimo Sétimo –, lido hoje, ainda nos toma, foi dois séculos depois, na despedida romântica, que a grande “diáspora africana” conheceu seu poeta-cantor. Castro Alves, “último adolescente do nosso romantismo”², trouxe em seus versos o grito sufocado, os filhos mortos, os porões enforcados com ossos e danças. Em sua poesia, a liberdade é a tempestade exigida, e o escravo é o mar cortado, heróico, de uma épica do desterro sangrento, da justiça futura. *Navio Negreiro*, um dos principais poemas da literatura brasileira, canta esta *tragédia no mar*, esta diáspora escura, tão absurda e impossível. Afinal, como aquele mar, onde “do firmamento/ Os astros saltam como espumas de ouro.../ O mar em troca ascende as ardentias,/ - Constelações do liquido thesouro...”, onde “Dois infinitos/ Ali se estreitam n’um abraço insano/ Azues, dourados, plácidos, sublimes.../ Qual dos dous é o céu? Qual o oceano?...” (p. 121), pode ser o cenário de um desastre tão profundo e consciente? Parece fantasia, sente o poeta, tamanho horror...

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...

² Ver Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo ás têtas
Magras creanças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
(Ibidem, p. 125-126)

Se hoje retomamos, a partir dos dois escritores, o tema da *diáspora*, é que se nos mantivermos na palavra, *διασπορά*, que traduziu em texto “sagrado” a emigração do povo de Israel, tomando-a em suas devidas proporções, encontraremos na cidade do Rio de Janeiro – sede dos mega-eventos que acontecerão no país em 2014 e 2016 - multidões de famílias despejadas, desposadas, desalojadas, por uma política de Estado fundada na dispersão, no retiro, no exílio³.

Somente no caso de um prédio, a Ocupação Zumbi dos Palmares⁴, despejada em Janeiro de 2011, a política de “remanejamento” dos ocupantes, articulada, sobretudo, pela Secretaria de Habitação do Município do Rio de Janeiro, com a participação do INSS e do Governo Federal, promoveu a emigração de quase 600 pessoas pela cidade, especialmente para os bairros da Zona Oeste, favelas da Zona Norte, cortiços da área central e Municípios da Baixada Fluminense⁵.

³ Usamos a palavra *exílio* a partir de Sêneca, quando ela confunde-se com o movimento ou gesto de *emigrar*, ainda que voluntário, livre. Relaciona-se com o sair, deixar, deslocar. O próprio verbo *exsilire* forma-se do prefixo *ex*, que em latim tem o significado de *fora*, *externo*, agregado ao verbo *ire*, ir, deixar, partir. Etimologicamente e em seu sentido poético, *exilar* não se refere apenas aos indivíduos forçados por um Estado a sair de seu país ou cidade, como ocorreu com o próprio Sêneca, mas à todos que *vão para fora*, que saem, que ultrapassam as fronteiras de um terra.

⁴ Os moradores desta ocupação foram retirados da Avenida Venezuela, 55 – prédio que ocupavam desde Abril de 2005 - entre os dias 13 de Janeiro e 03 de Fevereiro de 2011, após cinco anos de conflitos com diversas instâncias públicas e jurídicas e um conjunto de ameaças feitas pela Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro a partir de 2009. Ver *Porto...*

⁵ Das 133 famílias que residiam na Ocupação sem-teto, cerca de 15 famílias foram integradas ao Programa Minha Casa, Minha Vida, sendo deslocadas para um conjunto habitacional erguido em Paciência, bairro próximo a Santa Cruz. Um número bem maior, de quase 100 famílias, recebeu, como indenização, um cheque de vinte mil reais, seguindo por endereços diversos, principalmente os municípios de Caxias e Nova Iguaçu, para as favelas do Borel, Mangueira, Providência, Falete, Barreira do Vasco, e para bairros da Zona Oeste como Campo Grande, Realengo e Padre Miguel. Apenas 20 famílias, aproximadamente, optaram pelo aluguel social e estão aguardando – a maior parte em cortiços nas proximidades da Central do Brasil – a construção de casas populares integradas ao Programa *Minha Casa e Minha Vida*, na Rua do Livramento. Como estas não têm prazo para serem entregues, ainda que a imensa maioria dos moradores preferisse permanecer na área central da cidade, poucos decidiram “arriscar” nesta opção, considerada pela maioria dos moradores como a mais insegura.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Também no mês de Janeiro, mas do ano anterior, 2010, 75 famílias foram retiradas pela prefeitura de um antigo hotel localizado no bairro da Lapa, área central da cidade e que desde o início da década de 90 vem passando por profundas transformações. Neste caso, que abordaremos em seguida, as famílias que habitavam o “cortiço” – inclusive algumas que residiam nele à cinco décadas – não receberam nenhuma indenização da Prefeitura por terem que deixar às pressas suas casas, sendo inseridas, apenas, no programa de aluguel-social da Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro e em uma lista de espera por casas que serão construídas pelo Programa Minha Casa, Minha Vida na área central da cidade.

Um traço comum entre todos estes destinos - que integra moradores de cortiços, ocupações sem-teto e favelas da cidade - é sua inserção em um novo processo de dispersão de multidões, de *diáspora*, que vem sendo observado no Rio de Janeiro. Se as Ocupações sem-teto e cortiços vêm sofrendo com despejos, sendo os principais alvos da política de “revitalização” da área central da cidade, diversas favelas que também se localizam em áreas de interesse do capital e que estão em regiões visadas pelos organizadores dos mega-eventos que acontecerão na cidade, também vem enfrentando deslocamento forçados e ameaças do poder público. Apenas em 2010 e início de 2011, moradores de “comunidades” como Vila Harmonia, Vila Recreio II, Campinho, Restinga, Vila das Torres, Avenida das Américas, KM 35⁶ foram removidos de suas casas por estas se localizarem em regiões consideradas estratégicas para a realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos.

Em menos de dois anos, um vasto número de ocupações, favelas, cortiços, vilas e casas foram esvaziadas e seus moradores, em grande parte, deslocaram-se para bairros da Zona Oeste e municípios da Baixada Fluminense. Segundo pesquisa desenvolvida no IPPUR/UFRJ (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional), “estão previstas remoções de 130 favelas até as Olimpíadas” (MARQUES, 2011)⁷. Muitas destas estão sendo e serão “apagadas” da cidade para que possam ser construídas, em seu lugar, três

⁶ No caso das comunidades Vila Harmonia, Restinga e Vila Recreio II, ambas localizadas no bairro do Recreio dos Bandeirantes, os moradores foram removidos em virtude da construção da Transoeste. Juntas, essas comunidades possuíam cerca de quinhentas famílias, removidas, segundo informe da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro encaminhado a ONU, com “truculência” e “irregularidade” (2010).

⁷ Segundo nota da própria Secretaria de Habitação da Cidade do Rio de Janeiro, 119 favelas serão plenamente removidas até 2012, chegando à um número de 12.196 domicílios demolidos. Ver <http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/noticias>.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

grandes vias rodoviárias (Transcarioca, Transoeste e Transolímpica) consideradas imprescindíveis para a realização dos mega-eventos. Segundo estimativa da própria Secretaria de Habitação do município, a previsão de domicílios removidos até 2012 é de 12.196. Quer dizer, se a média de moradores por domicílio for de quatro membros, cerca de 50 mil pessoas serão *arrancadas* de suas casas em menos de dois anos.

Uma crítica comum, feita por moradores destas “comunidades” que foram ou estão sendo removidas, atualmente articuladas no *Conselho Popular* e no *Comitê Popular da Copa*, é que a maior parte das casas do Programa *Minha Casa e Minha Vida* está sendo construída em bairros como Campo Grande, Paciência e Santa Cruz, distantes do centro da cidade e dos bairros onde residiam⁸. A maior parte dos moradores de “comunidades” como Campinho e Vila das Torres⁹, por exemplo, localizadas na Zona Norte da cidade, já foram deslocados para os conjuntos que foram erguidos em Cosmos e Paciência.

Este fato, é importante ressaltar, não é nenhuma novidade se revisarmos as políticas de remanejamento feitas pelo Estado nas últimas décadas. No bairro onde foi realocada parte das famílias que residiam na Ocupação Zumbi dos Palmares, em Paciência, foi construído um Conjunto Habitacional, durante o regime militar, para acolher removidos de favelas da Zona Sul da cidade. Em Santa Cruz, bairro vizinho, diversos conjuntos habitacionais foram erguidos ao longo das décadas de 80 e 90 para abrigar remanejados ou famílias cadastradas em planos de moradia popular.

⁸ Segundo artigo de Grandi (2011), “a grande maioria das unidades construídas pelo programa (*Minha casa, Minha vida*) são localizadas em bairros distantes da área central da cidade, tal como Cosmos e Paciência. Tais áreas não têm qualquer outro tipo de investimento em infra-estrutura pública para acolher essa nova população. Estão também longe da maioria das mínimas oportunidades de emprego, lazer, estudo e saúde. Alguns bairros, especialmente aqueles controlados por milícias, oferecem também o risco de expulsão das famílias recém-chegadas em favorecimento de pessoas ligadas a tais grupos criminosos. Essa política de reassentamento baseada no oferecimento de moradias distantes fere a própria legislação municipal (Lei Orgânica Municipal, art. 429) quando empurra as famílias para locais muito afastados de suas antigas residências, laços sociais e de trabalho”.

⁹ A comunidade Vila das Torres, no bairro de Madureira, era formada, até o início das remoções, por aproximadamente novecentas famílias. Destas, apenas trezentas permanecem no local. O motivo da remoção, alegada pela prefeitura, é a construção de uma nova via rodoviária e uma área de lazer no bairro. Segundo relato da Defensoria pública, a prefeitura “pressionou os moradores e realizou negociações individuais, desmobilizando a comunidade. Nas demolições de casas germinadas, não se preocuparam com a integridade das partes não negociadas. Os restos das demolições são deixados no local” (2010). No caso da comunidade “Campinho”, um terço dos moradores já foram removidos em razão da construção da Via Light. Novas irregularidades foram cometidas por funcionários da Prefeitura ao “avisarem os moradores que apenas receberiam indenizações os possuidores de registro formal de propriedade ou título de usucapião” e que “os comércios não seriam indenizados” (2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Buscando observar esse processo por “dentro”, contaremos agora a história de algumas famílias que residiam em um antigo hotel da cidade, construído no século XVIII, e que foram obrigadas a sair de suas casas no início de 2010 por não se “encaixarem” no perfil dos novos moradores e frequentadores do bairro da Lapa.

2 - O Hotel Bragança: *cortiço* em sobrado

Todo hotel é fluir / uma corrente
atravessa paredes, carreando o homem,
suas exalações de substância. Todo hotel
é morte, nascer de novo; passagem; se pombos
nele fazem estação, habitam o que não é de ser habitado
mas apenas cortado
Carlos Drummond

Era janeiro de 2010, cerca de setenta famílias saíam do prédio, despejados pela prefeitura. O argumento utilizado mais uma vez: "área de risco" para os moradores. Risco? O prédio, é verdade, tinha estrutura e fiação precárias, o que não justificava o despejo, mas obras de melhoramento¹⁰. A "área de risco" logo virou área boa para venda. Poucos meses depois se instalava uma placa em frente ao prédio: vende-se. Mas, não engulamos o tempo, deixemos as lembranças virem...

Chegamos ao Hotel Bragança por conta da nossa militância junto às ocupações sem-teto no Rio de Janeiro, acompanhando intensamente os últimos dias dos moradores no prédio. Móveis e caixas de papelão saindo, descendo pelas escadas. Tombando junto com os 17, 33, 40 anos vividos no prédio. Crianças nascidas, crescidas entre os corredores espalhadas entre os 75 quartos e 5 andares. Desde que começaram as ameaças do despejo, os moradores tentam se organizar para impedi-lo (com reuniões na Defensoria Pública, reuniões internas constantes, procura de movimentos sociais ligados aos sem-teto). Mas, a Prefeitura deu sua sentença final: ou saem "pacificamente" recebendo 6 meses de aluguel social ou ficam e são despejados a força sem nada receber. Os moradores, agora divididos internamente (alguns preferiam aceitar o dinheiro logo, para não correr o risco de sair de mãos vazias), não conseguiram mais ter

¹⁰ Ao criticar as políticas de renovação urbana fundadas no deslocamento forçado de populações e na eliminação de habitações populares, não pretendemos idealizar esses lugares como perfeitos para moradia (no que tange a infra-estrutura, etc) ou considerá-los intocáveis, “folclóricos”, parte de alguma “tradição” que remonta à nossa história e cultura. Sabemos da importância e da necessidade de obras e melhora das condições de vida dos moradores, o que vai contrariar as políticas de remoções aqui abordadas, que vem combatendo, na verdade, a possibilidade encontrada por estes de terem acesso e direito à cidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

forças para se organizar coletivamente. Todos acabaram assinando o acordo com a Prefeitura se comprometendo a sair imediatamente no prédio.

Na despedida, as lembranças rasgam as paredes: brigas, alegrias, desmandos e traçaças. Os destinos? Dos mais diversos: volta ao nordeste, casa de um parente, incertezas. Acompanhados das promessas tortas de alguns meses de aluguel social. Colhemos essas histórias junto a uma câmera de filmar, são mais de 10 horas de depoimentos. Deles podemos construir um mosaico da história do prédio, que acompanha a história da região.

Seu Rubens, por exemplo, um dos moradores mais antigos do velho hotel, chegou ao Rio de Janeiro no ano de 1958. Veio de Alagoas, sobre malas, querendo encontrar na ex-capital as certezas que sonhara um dia. Seu encontro com o hotel Bragança fez-se logo, nem dois anos depois de sua chegada. Mario, imigrante Italiano, que o apresentou ao *Casarão*. Eles se conheceram na missa da Igreja da Lapa, uma das mais antigas da região. Com azulejos azuis, simples, em pé com apenas uma torre, ela fica quase em frente ao hotel. Seus Rubens, sua esposa e seu único filho ainda continuam freqüentando o lugar todos os Domingos, mesmo já distantes da Lapa. Rubinho, inclusive, toca violão no grupo da igreja e no antigo quarto colou na parede uma foto com o papa João Paulo II, quando de sua última visita ao Brasil.

Se foi na Igreja que Rubens conheceu Mário, só muitos anos depois, no seu último dia no *Casarão*, que o velho Italiano contou-lhe um segredo: “Rubens, eu não sou católico, nem nunca fui. Minha vida é toda uma mentira. Sou do partido comunista, refugiado. Na verdade, esse casarão é minha outra vida, a que você conhece, e que me permite esconder a antiga. Mas agora eu estou indo, preciso ir. Cuida de tudo e não conte pra ninguém o que eu te disse. A gente se vê um dia”.

Falecido sete anos depois, os dois amigos nunca mais se encontraram. Rubens descobriu que Mário partira naquele dia para São Paulo e lá mesmo morreu com uma saúde roída. Muito lhe assustou pensar que tantos anos conviveu com uma pessoa que nunca soube, na verdade, quem era. Quem lhe apresentou o que seria a sua casa, o *Casarão*, seu refúgio. Aliás, os *cortiços*, já há dois séculos, carregam essa característica. A própria Bertolomeza, personagem do romance de Aluizio Azevedo, misturada entre tantos negros alforriados, passaria muitos anos “desaparecida” dos patrões que só tomaram conhecimento de onde estava quando João Romão – já



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“homem de sociedade” - a denunciou. Surpreendida com a presença dos velhos senhores, da polícia, Bertolomeza parou: “Recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado” (AZEVEDO; 2007).

Preferiu a morte à condição de escrava.

Mário partiu e a vida de Rubens continuou. Seguiu trabalhando na tipografia até 1997, quando se aposentou por “invalidez”. Com a perna quase imobilizada, quem “agüenta as pontas” é Lúcia, sua esposa, dona de casa e também operária de uma lavanderia. Do Hotel ao hospital, do trabalho para a casa, desde o adoecimento do marido sua vida tornou-se uma “batalha ainda mais dura”. Quando, depois de terem tentado ainda resistir, tiveram que aceitar a mudança, o exílio do hotel, ela e o filho que correram a cidade atrás de uma casa que pudesse ser alugada com os 400 reais oferecidos pela prefeitura. Não encontrando, gastaram parte do primeiro cheque pagando um caminhão com destino a Quintino, casa de sua irmã, onde também mora sua prima e agora ela, seu marido e seu filho.

Moradora do primeiro andar, Dona Luiza (48 anos) chegou ao Hotel Bragança há vinte anos. Como Rubens, percorreu um longo caminho até chegar a Lapa: nascida em Manaus, passou por Belém e Vitória até vir para o Rio com a mãe. Sua mãe, depois de alguns anos, acabou voltando para o Norte, mas ela por aqui ficou já adaptada a cidade. Morou algum tempo no Méier, seis anos, depois foi para o Hotel comprando um quarto que estava à venda. Logo após a sua mudança, deparou-se com um pequeno incêndio que destruiu parte do seu quarto, reformando-o, desde então, todo a sua maneira. Pintou nas paredes todos os seus cachorros (eram 7 que moravam na casa), colocou cortinas com as cores do seu time, botou luminárias feitas por ela mesma. Retirou tudo com muita tristeza.

Dona Luiza trabalhava como camelô logo em frente ao Hotel, além de vender doces durante o dia para a vizinhança. É conhecida no bairro como “Luiza dos doces”, passando com a sua cesta recheada. Ainda não sabia para onde iria, mas não queria sair da Lapa pois lá tinha todos os seus amigos de anos – ela é madrinha de 5 crianças do Hotel – e ainda sua freguesia assídua de doces.

Luiza era vizinha de Luane (14 anos), que habita o Hotel desde seu nascimento. Conta que sentirá muita saudade do Hotel, pois lá viveu sua infância e fez muitas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

amizades. Cresceu junto com uma geração de meninos e meninas que brincava nos traços escuros do prédio, que corria os becos do bairro. Diz que seu local favorito do Hotel é a imensa escadaria em formato de caracol: lá as crianças se encontravam e passavam muitos dos dias sem aula. Fica angustiada diante da incerteza da mudança, pois não sabe como fará para reencontrar seus amigos.

Seu pai, Seu Jorge (59 anos), quer ganhar uma indenização da Prefeitura e poder voltar para sua terra, em Alagoas. A luta para permanecer no Hotel Bragança lhe roubou as últimas forças para viver na cidade. Quer voltar para o nordeste a todo custo e tentar envelhecer com algum sossego. Vive no Rio e no Hotel desde os 25 anos e conta que já fez de tudo na cidade: garçom, ajudante de obras e até artista de rua. Viu um tanto pelo Hotel Bragança, confusões de todo o tipo, muita gente que sumiu, passou, ficou. Carregando seu cansaço parece ser um homem com uma alegria guardada, talvez esquecida em algum canto de estrada.

Já Jana Jabuti (6 anos) é uma menina que adora inventar histórias. Inventa, inventa... Ainda bem que ninguém acredita nela, só uns homens chamados etnógrafos que parecem acreditar em qualquer história contada. Acham estranho e esquisito qualquer bobeira que gente faça: andar, correr, falar, dormir. A única coisa que deixa Jana mais feliz do que inventar é Pedro Abóbora (78 anos). Ele mora no alto de uma masmorra grandiosa, lá habita com o menino de 16 anos chamado Machado de Assis, o Machadinho. Jana Jabuti ama tanto que um dia vai encher um balão de gás pra roubar Pedro Abóbora da masmorra... O sonho dela é voar por todos os céus com ele até virar nuvem.

3 - O que guardar de uma cidade?

Paris mudou! A forma de uma cidade muda mais do que um coração infiel.
Charles Baudelaire

O Hotel Bragança foi inaugurado em 1906, com a abertura da Avenida Mem de Sá, antiga Rua dos Mata-Cavalos ou o velho “caminho dos sertões”.

Com o empobrecimento da área central da cidade, o grande sobrado foi tornando-se imagem de um esguio "cortiço", desses descritos por Gilberto Freyre ao



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

falar do declínio do patriarcado urbano¹¹. Em *Sobrados e Mucambos* o autor percebe como depois da ascensão dos sobrados, o local das novas elites urbanas, estes são abandonados e passam a ser habitados por famílias pobres. Este processo, como diz, se alastrou pela cidade a partir do final do século XIX, transformando profundamente seu aspecto: "Sobrados, outrora de fidalgos, degradaram-se em cortiços. Depois de 1888, o cortiço só fez aumentar não tanto a área, mas a densidade." (p. 182)

Buscando devolver ou re-estimular os investimentos do capital burguês nesta antiga área da cidade, sucessivos planos urbanísticos, a partir da década de 80, pensaram uma cidade "turística e cultural" que unisse mercadoria e patrimônio, antigo e novo. Projetos como *SAGAS* (Saúde, Gamboa e Santo Cristo), *Corredor Cultural*, *Novas Alternativas*, abriram um caminho que já não era, tanto, o da metáfora da feira, como foi usada por Lévi-Strauss para pensar as cidades no Novo Mundo¹², mas o da "reabilitação dos patrimônios" (CERTEAU; 2001). Os projetos de renovação urbana passaram a privilegiar a recuperação à destruição do que já existe. Tanto por razões econômicas como nacionais e culturais, voltamos, como dizia Michel de Certeau, a "esse passado que muitas vezes envelheceu menos que o novo" (2001).

Do "passado", contudo, buscou-se preservar apenas seus exteriores. A fachada do prédio que cá tratamos, por exemplo, é tombada como Patrimônio Histórico do Município. O que isso pode nos dizer sobre o local? Percebemos como a patrimonialização por parte do Estado está ligada ao incentivo do capital público e privado. As áreas valorizadas como patrimônio devem ser "revitalizadas", não para os moradores pobres – esse "passado" que deve esvaír -, mas como incentivo ao turismo e

¹¹ "À decadência de famílias por três, quatro, cinco ou seis gerações patriarcalmente opulentas, teria de corresponder o que vem acontecendo, entre nós: a ruína, por abandono, de velhas casas-grandes de fazenda ou de engenho; ou a sua transformação em fábricas, asilos, quartéis, refúgios de fantasmas de subúrbio ou de malandro de cais. A transformação, também, de antigos sobrados urbanos ou suburbanos, outrora habitações de famílias solidamente patriarcais, em hospitais, cortiços, 'cabeças-de-porco', prostíbulos, escolas, museus; conventos, colégios, pensões, hotéis, fábricas, oficinas, depósitos de mercadorias, armazéns" (FREYRE: 2000).

¹² Dizia Lévi-Strauss, sobre as cidades da América: "Para as cidades européias, a passagem dos séculos constitui uma promoção; para as americanas, a dos anos é uma decadência. Pois não são apenas construídas recentemente; são construídas para se renovarem com a mesma rapidez com que foram erguidas, quer dizer, mal. No momento em que surgem, os novos bairros nem sequer são elementos urbanos: são brilhantes demais, novos demais, alegres demais para tanto. Mais se pensaria numa feira, numa exposição internacional construída para poucos meses. Após esse prazo, a festa termina e esses grandes bibelôs fenecem: as fachadas descansam, a chuva e a feligem traçam seus sulcos, o estilo sai de moda, o ordenamento primitivo desaparece sob as demolições exigidas, ao lado, por outra impaciência" (1996, p. 91-92).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

aos grandes investimentos (o que ganhou ainda mais força com os megaeventos que acontecerão no Rio). Não à toa lemos a declaração do Ministro do Turismo Luiz Barretto no lançamento do Projeto Porto Maravilha, que visa “revitalizar” toda a área do porto do Rio: “Não estamos só recuperando uma área, mas um patrimônio histórico-cultural, e que será sobretudo turístico, para esta cidade”¹³. Ou, ainda, este anúncio - “Patrimônio histórico à venda” - no site *Rio Negócios Business*, alguns meses depois do despejo do Hotel:

O PRÉDIO do antigo Hotel Bragança (foto), na Lapa, está à venda. A fachada de 1906, tombada, terá que ser preservada pelo novo dono. Responsável pela negociação, a Sergio Castro Imóveis diz ter recebido propostas de três grupos hoteleiros. Todas abaixo dos R\$11 milhões pedidos. Quem arrematar o hotel levará junto o prédio ao lado, em ruínas. Estima-se que seja possível construir um hotel de 180 quartos na área, de cinco mil m². Próximo à Sala Cecília Meireles, o Bragança foi freqüentado por figuras ilustres do Rio, como Di Cavalcanti e Noel Rosa. Em 2010, a prefeitura desocupou o imóvel, invadido por moradores de rua.”¹⁴

Fica claro, a partir do anúncio acima, como a noção de patrimônio do Estado busca valorizar um passado nostálgico do Rio de Janeiro (lembrando de Noel Rosa e Di Cavalcanti) para melhor vender o Hotel, processo que ocorre em toda a região central - vide a Pedra do Sal, valorizada como “berço do samba”. Revitalizar a Lapa para guardar essas lembranças ocas, sem moradores pobres ou apenas “moradores de rua” facilmente apagados dessa história.

Vale lembrar, entretanto, que esta categoria - apesar de estar fortemente ligada aos processos de formação dos Estados Nacionais (é na modernidade que a categoria ganha delimitações precisas) - tem origem milenar, não se restringindo, em importância, às sociedades ocidentais modernas (GONÇALVES, 2003). Isso nos interessa pois partimos do princípio que esta não está necessariamente ligada ao Estado, mas também às diferentes formas de vida social. E é através da teia de relações complexas estabelecidas por aqueles que habitaram o local por tantos anos, sonharam, transitaram, se encontraram naquele espaço, que formam-se concepções de patrimônio próprias dos habitantes.

¹³ Site do Ministério do Turismo, dia 24/06/2009.

¹⁴ Ver <http://rio-negocios.com/negocios-cia-10>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Podemos dizer, então, que ao discutir o patrimônio, importante categoria para compreender a vida social, abordamos diretamente o que os diversos grupos e indivíduos envolvidos querem guardar do local, ou seja, qual a memória que está sendo construída. Entendendo que as lembranças se adaptam às percepções do presente, a memória mesmo que construída por narrativas que abordem experiências comuns no passado, só pode ser reconstruída cotidianamente e por isso está sempre se transformando de acordo com o presente (HALBWACH, 2005). Pois a história não se dá no tempo vazio. E é principalmente através da memória que se acentua a noção de pertencimento ao local. O que é essencial se tratando dos moradores da localidade.

Alguns moravam por lá há mais de quarenta anos, deles transbordavam histórias bem lembradas do tempo dos malandros. Histórias das mais felizes e trágicas. Era o que esses habitantes guardavam para si deste local que vivenciaram cotidianamente, o que era, para eles, o patrimônio que merecia ser resguardado.

4 - Cidade em desterro



Somos levados para igual destino:
a nossa sorte, da urna que se agita,
ou mais cedo ou mais tarde, há de sair
para pôr-nos, enfim, naquela barca
em que só se parte para o eterno exílio

Horácio

Vemos que essas diferentes concepções de patrimônio correspondem à noções próprias de cidade, do que ela é, deve ser, do que merece ser guardado... As cidades, com suas multidões de cheiros e segredos, parecem nunca cansar de nos surpreender. Elas se levantam, desmancham, se transformam. Crescem e esvaem, morrem. A “cidade eterna” dos Césares, por exemplo, derreteu iluminada pelo fogo e os olhos de um imperador excêntrico, medroso, reconstruindo-se muitas vezes sobre formas e gostos diversos. Outras cidades, não tão majestosas, sumiram silenciosas, como se os deuses as tivessem criadas para nunca serem lembradas. Ruínas sem lágrimas, sem poesia.



As trajetórias, narrativas e modos de habitar dos moradores do Hotel Bragança, apresentados acima, podem ser vistos como construções e criações da cidade, da vida que se faz dispersa e viva. Sem elas, com certeza, a vida urbana perderia muito de sua surpresa, seu mistério, sua angústia, sua grandeza. Afinal, a cidade, a *pólis* – como dizia Aristóteles - é uma multidão de cidadãos (1997).

Remanso de viajantes.

Barcos.

Esquinas.

Ela não se ergue ou se protege com o mesmo, mas com o dessemelhante: *ex anomoióon he polis* (ARISTÓTELES, 1954).

Como diz o poeta Ferreira Gullar, que fez da cidade carne e roupa de sua poesia¹⁵,

A cidade. Vista do alto
ela é fabril e imaginária, se entrega inteira
como se estivesse pronta.
Vista do alto,
com seus bairros e ruas e avenidas, a cidade
é o refúgio do homem, pertence a todos e a ninguém.
(GULLAR;1991).

Neste lugar de muitos lugares, entre milhares de pessoas e suas janelas acesas, nuas, atropelando-se nos mercados - “uma cidade/ é um amontoado de gente que não planta/ e que come o que compra/ e pra comprar se vende./ Uma cidade, como a nossa, é/ um labirinto de arranha-céus e transições financeiras, um mercado de brancos/ (de negros, de mulatos,/ de malucos)...” (p. 313) -, como encontrá-la, ela, que é uma só, nesta que é tamanha, imensa, tão vasta?

A cidade é grande
tem quatro milhões de habitantes e tu és uma só.
Em algum lugar estás a esta hora, parada ou andando,
talvez na rua ao lado, talvez na praia
talvez converses num bar distante
ou no terraço desse edifício em frente,
talvez estejas vindo ao meu encontro, sem o saberes,

¹⁵ A cidade, a vida urbana, está presente praticamente em toda a obra de Ferreira Gullar. Como o próprio diz, no poema *Coisas da Terra*, “Todas as coisas de que falo estão na cidade/ entre o céu e a terra./ São todas elas coisas percíveis/ e ternas como o teu riso/ a palavra solidária/ minha mão aberta/ ou este esquecido cheiro de cabelo/ que volta/ e acende sua flama inesperada/ no coração de maio...” (p. 174)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

misturada às pessoas que vejo ao longo da Avenida.

Mas que esperança! Tenho
uma chance em quatro milhões.

Ah, se ao menos fosses mil
disseminada pela cidade.

A noite se ergue comercial
nas constelações da Avenida.

Sem qualquer esperança
continuo

e meu coração vai repetindo teu nome
abafado pelo barulho dos motores

solto ao fumo da gasolina queimada
(GULLAR, p. 177-178)

A cidade engana e confunde.

Recebe.

Esconde.

Deitados sobre as beiras do cais, empurrados pelo grande centro de mercados e ofícios da cidade, os bairros centrais da cidade, como a Lapa, foram constituindo-se, ao longo da história do Rio, como estes *bairros de acolhimento*, *locis* urbanos por excelência: abrigo dos que chegam, dos que atravessam, sempre assistidos por mãos que encostam no porto, nas ruas, e que olham... quem vai, quem fica... “como quem olha pro mar” (PESSOA: 2007), como quem observa a chuva. Guardando consigo as tantas histórias, casos, lembranças das gentes.

E é justamente esta característica do lugar que parece morder pele e fios de cabelo de urbanistas e burgueses. Afinal, a concepção de patrimônio e a proposta de cidade presentes nos atuais projetos de “renovação urbana”, pensadas desde e a partir do capital privado, das empresas e construtoras que atuam no mercado imobiliário, esvazia e arranca a diversidade própria destes bairros, esse potencial de surpresa que estas *barras* carregam e trazem. Esta riqueza empobrecida, de cortiços e vagas, quartos e cortinas, entupidas de febre e grito.

Esquematizando o espaço em blocos rígidos; deslocando para periferia ou esquadrinhando a população indesejada em espigões quadrados, construídos e controlados pelo Estado; eliminando as diversas habitações coletivas, justamente os lugares da *urbis* que na cidade capitalista acolhem os fugitivos e viajantes que por cá atracam, chegam, que possibilitam o ser da cidade; organizando uma mecânica do espaço urbano onde, acredita-se, ser possível controlar e prever todos os seus gestos,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

suas falas, suas vontades mais íntimas; onde, enfim, nos *civilizamos*; o risco, talvez, é que as próprias *idades* deixem de viver, comidas por plantas que deitam pesadas a uma mesa de vidro. E que, desse modo, desvaneçam, ou, quem sabe, passem a ser, elas mesmas, estes *exilados* que por largos séculos carrega, viajando, por fim, por algum “mar sem porto” (OVIDIO; 1952) para os lados de lá: “uma terra aonde, enfim,/ Muito a leste não fosse o oeste já!”, como sonhava Álvaro de Campos (2007).

Referências:

- ALVES, Castro. *Os escravos* in *Obras Completas*. São Paulo: Editora Nacional, 1942.
- ARISTÓTELES, *Política*. 3ª ed. Brasília: UnB, 1997.
- AZEVEDO, Alúcio. *O cortiço*. São Paulo: Ciranda cultural, 2007.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- FREIRE, Pedro G.M. *As margens da alegria: Uma Avenida chamada João* in <http://pelamoradia.wordpress.com>
- _____. *Porto dos desterrados: morte e vida de uma habitação coletiva*. Dissertação de mestrado em Antropologia-Universidade Federal Fluminense. ICHF, PPGA. 2008.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *O patrimônio como categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro:DP&A: Faperj: Unirio, 2003. p. 21-29.
- _____. *Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios*. Revista Horizontes Antropológico, Porto Alegre, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.
- GRANDI, Matheus. *Entre a cruz e a espada?: Alguns limites das “alternativas” oferecidas pelo poder público às ocupações do Centro do Rio de Janeiro* in <http://pelamoradia.files.wordpress.com/2011/03/desafios-luta-por-moradia.pdf>
- GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HORÁCIO. *Odes e Epodos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- OVIDIO. *Tristium*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.
- PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- SÊNECA. *Consolação a minha mãe Hélvia* in *Obras*. São Paulo: Atena, 1961.
- VALLADARES, Lícia. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões*. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1945.

WWW.turismo.gov.br